

MATIZES DO BRASIL EPISÓDIO – LYGIA PAPE

00:01:41:08

VINHETA DE ABERTURA

00:02:13:19

Ela dizia que ela era intrinsecamente anarquista. E a Lygia em toda a obra dela, em todos os momentos, ela é sempre surpreendente.

00:02:32:27

O resgate está havendo é das experiências pós construtivas, então pós neoconcreta. E Lygia Pape está no centro dessas novas experiências.

00:02:46:01

Eu acho que a Lygia Pape, do movimento neoconcretista, é a artista que realmente vislumbrou, não só o que estava acontecendo naquele momento, mas deslumbrou uma porção de questões que se projetaram no futuro. A Lygia era uma mulher lindíssima! Ela transitava ao lado do Helio Oiticica, ela era a pessoa mais próxima do Hélio, mas na verdade era uma trinca. Porque era a Lygia Pape, a Lygia Clark e o Helio Oiticica. E todo esse momento que tem no Rio de Janeiro muito interessante.

00:03:38:24

LYGIA PAPE

Eu já nasci com essa vontade, com essa tendência, com essa simpatia pra trabalhar com as formas geométricas. Sempre gostei, desde criança, e de repente encontrei um grupo também que tinha os mesmos desejos. A maioria dos artistas era figurativo, e nós começamos a trabalhar como grupo, começamos a trabalhar com formas, com abstração geométrica. Quer dizer, não trabalhar com a cópia do real. Então você trabalhava só com a forma geométrica, com cores puras. Inicialmente era o grupo chamado Grupo Frente, onde o Ivan Serpa também participava. Depois nós nos unimos com um grupo de São Paulo, e era o Grupo Concreto. E depois houve uma dissidência com o grupo do Rio, e ficamos só os chamados Neoconcretos.

00:04:32:18

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

Ela quando fez os “Tecelares”, ela fazia parte do grupo do Ivan Serpa no Museu da Arte Moderna do Rio de Janeiro, e eles tinham uma visão muito romântica do abstracionismo geométrico que derivou aí num concretismo, e depois vai dar no neoconcretismo. E por que que eu digo que era romântica? Porque na verdade eles achavam que você trabalhando com uma matriz geométrica, você estava fugindo de todas as questões pessoais, nacionalistas, segundo eles, que causaram as guerras. A gente tem sempre que se lembrar que o boom do abstracionismo, ele acontece no pós guerra, quando estava todo mundo traumatizado com o resultado da guerra.

00:05:29:11

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

E a Lygia Pape nos “Tecelares” por exemplo, quando ela aproveita os veios das tramas da xilogravura como um vale. São vestígios naturais. Ela cria um tecido feito com madeira, mas geométrico. Mas a origem natural da madeira prevalece e permanece como memória de sua origem na obra da Lygia Pape. Na verdade, os dois concretismos, porque ambos se chamavam assim, o grupo paulista se auto denominou como Grupo Ruptura, tinha princípios formais claramente definidos intelectualmente. O concretismo paulista era muito ciente da observação de princípios teóricos plásticos, e o grupo do Rio de Janeiro estava mais preocupado em formar uma frente de resistência ao modernismo figurativo que vinha da Semana de 22.

00:06:42:18

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

E diz a lenda que a um certo momento se desentenderam, e então o grupo carioca resolveu trabalhar com o neoconcretismo que era mais livre.

00:06:53:07

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

Havia um compromisso experimental de cada neoconcreto com o seu próprio processo. Tanto é que no Manifesto Neoconcreto eles chegam a dizer que não os prendem princípios rigorosos a priori.

00:07:08:11

PAULO SÉRGIO DUARTE – Crítico de arte

Porque o neoconcretismo é uma diferenciação sobretudo na leitura da obra. Ou seja, ele coloca e recoloca que toda a experiência artística tem uma dimensão subjetiva.

00:07:32:11

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

O “Livro da criação” é um trabalho que vai propondo uma sequência da criação da Terra, do aparecimento do homem, de tudo. Só que ela fez esse “Livro da Criação” a partir de formas geométricas que poderiam ser manipuladas. E ela mesma manipulava quando ela apresentava, ia mostrando como tudo ia se formando.

00:07:58:10

LYGIA PAPE

O “Livro da Criação” você pode dizer que é uma escultura, pode dizer que é um poema, porque são uma série de unidades onde eu narro a criação do mundo sem palavras, quer dizer, são formas e cores que você vai armando as unidades, e a partir daí você vai narrando, ou vai lendo entre aspas a história da criação do mundo.

00:08:29:00

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

Ela me descreveu por exemplo, o dia em que ela apresentou o “Livro da Criação” para o Ferreira Goulart e pra Lygia Clark. Ela estava toda entusiasmada com a ideia, e que aí não houve uma reação muito entusiasmada nem da parte do Goulart nem da parte da Lygia Clark, que ela ficou muito decepcionada. Depois todo mundo se deu conta da importância do trabalho.

00:09:02:24

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

Os neoconcretos, inclusive a Lygia Pape, costumavam dizer que o fundo da obra não é o quadro. O fundo é o mundo, o mundo entrando aqui como o espaço real. Depois do neoconcretismo, Lygia Pape, Lygia Clark e Hélio Oiticica transformam esse princípio do que o fundo é o mundo numa outra questão que é muito parecida, mas não é igual. Que interessa é introduzir uma integração não mais entre fundo e mundo, mas entre arte e vida. Daí os projetos experimentais que vão perpassar a obra da Lygia de maneira diversa.

00:10:00:25

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

A Lygia, quando ela se liberta um pouco do concretismo, então ela vai fazer obras incríveis como “O Ovo”, que é uma peça que na verdade era uma experiência sensorial que você entrava dentro de um cubo de tecido, e ficava preso lá dentro, e tinha essa sensação de se libertar, de sair.

00:10:34:10

PAULO SÉRGIO DUARTE – Crítico de arte

Lygia Clark, Lygia Pape e Hélio Oiticica são pioneiros num desdobramento pós construtivo, onde experimentaram ao máximo que possível a experiência construtiva, e consegue desenvolver práticas posteriores, cada um numa direção diferente que rompem efetivamente com essa tradição da linguagem. Agora, o interessante na Lygia Pape é que ela conservou a capacidade de fazer uma persistência do construtivismo numa obra ao longo de toda a sua vida. Então ela conseguiu manter o diálogo com essa sua herança e com seu passado trazendo para o presente, experiências novas que são evidentemente ligadas a uma linguagem construtivista. E isso não impedia que ela desenvolvesse experiências originais na história da arte. Quando você diz que o que você quer integrar não é a obra com o fundo real do mundo, mas entre arte e vida, a vida existe no corpo. Não tem jeito. Você tem que fatalmente tomar uma posição em relação ao corpo.

00:12:20:16

VINHETA - ESTAMOS APRESENTANDO

00:12:35:00

VINHETA – VOLTAMOS A APRESENTAR

00:12:46:10

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

O neoconcretismo ainda é um movimento modernista numa certa medida, tá? Porque, enfim, não é que fosse igual, mas Mondrian em 1917 fez, enfim, o neoplasticismo, que era com verticais, horizontais, a cor chapada, primárias etc. e tal. Então, é moderna, a questão é moderna. Só que muitos dos artistas modernos experimentaram na sua própria obra a transição para a produção de arte contemporânea. E foi o que a Lygia fez. E a produção contemporânea tem apreço pelas experiências corpóreas. A arte ambiental de participação, mas isso não é um problema mais do modernismo. Isso é um problema da produção contemporânea. De alguma maneira fazer com que a arte seja parte integrante e fundamental das nossas experiências perceptivas, sensoriais etc. Essa relação entre arte e corpo, no caso específico desse trabalho da Pape, ele se desdobra em várias esferas sensoriais, pessoas podem sair num grupo, como é o caso do “Divisor”, em que você tem uma grande superfície de tecido. Você pode até pensar que ela seja uma espécie de metáfora da própria tela.

00:14:32:05

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

Nos anos 60, a gente tem na verdade, internacionalmente essa busca pela integração do público a obra de arte. Todo mundo começa a sentir essa necessidade de quebrar esse parâmetro, e como dizia o Helio Oiticica, sair da tela. E a Lygia leva isso para um lado muito particular. Isso que eu acho interessante, porque toda a participação que ela pede do público, é um tanto quanto diversa de outros. Por exemplo a experiência do “Divisor”, ele é uma experiência de uma beleza inacreditável, que proporciona para quem está participando, uma experiência incrível, que né a de você está andando em conjunto, e criando essa onda. E um grande espetáculo visual pra quem assiste. Então, a Lygia nunca perdeu de vista a visualidade.

00:15:59:22

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

Mas há uma coisa extraordinária nisso tudo, porque as pessoas ficam com as cabeças pra cima dessa tela gigantesca de pano, e o seu corpo, o resto do seu corpo fica pra baixo. Você tem cabeças, alma e corpo. A sede da percepção sensível e sensorial. O crítico Guy Brett, crítico de arte britânico que estudou muito as vanguardas brasileiras, ele fala uma coisa sobre os neoconcretos, mas que eu tenho certeza de que isso tem tudo haver com o “Divisor” que diz assim: “O dia em que a história da arte europeia tomar conhecimento das vanguardas latino americanas e brasileiras, ela terá que ser reescrita. Porque essas vanguardas resolveram uma velha dicotomia, a dicotomia entre corpo e mente.” O quê que a Pape faz? Ela problematiza isso. Não se trata mais de demitir ou não, qual a via principal de apreensão da obra de arte. Se é o corpo ou se é a mente. Podem ser os dois. Por baixo daquela massa de onde sobrevivem as cabeças, você tem toda uma corporeidade que está ali, não oculta, mas subjacente aquela experiência. Essa divisão não existe mais no “Divisor”.

00:17:47:10

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

Ela tinha uma sinergia com o Helio Oiticica, que não era propriamente uma influência. Na verdade, os dois se influenciavam mutuamente. Eles faziam coisas loucas. Por exemplo iam tomar banho de mar, eles escolhiam ir tomar juntos banho de mar em dia de chuva com raios. Entravam os dois na água e ficavam acho que apreciando aquele perigo. Se você ler textos do próprio Helio e da Lygia, eles na verdade têm uma visão de certa forma romântica da favela, mas é um romântico que é pertinente. As favelas no Rio de Janeiro, elas nessa época, quando a gente começa a pensar nos anos 50, 60, era o subúrbio, né? Era a extensão do subúrbio. E eles saíam de carro, a Lygia tinha um fusquinha, e eles saíam nesse fusquinha da Lygia e andavam pela cidade do Rio de Janeiro à toa. Um pouco no mude de deambular, de repente sentindo o quê que acontecia. E os dois então viviam muito juntos essas experiências.

00:19:22:21

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

O experimentalismo é uma característica de todos os neoconcretos. É natural que movimentos que tenham por referência a experimentação, transborde o tempo todo aquilo que eles dominam para um âmbito maior que é o da utilização de vários tipos de material, de todas essas coisas.

00:19:45:03

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

A Lygia tinha uma visão interessante de vários pontos da arte, de várias coisas complexas. “A caixa de baratas” que ela faz. Que é assim, você tem, está na época da ditadura e ela faz um desafio, uma coisa

bem incomodativa, bem nojenta, que era essa caixa de baratas, que todo mundo chegava e ficava incomodadíssimo. Então, mas tudo que ela faz tem essa preocupação ao mesmo tempo com a visualidade.

00:20:32:19

PAULO SÉRGIO DUARTE – Crítico de arte

O Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro pediu para os artistas doarem obras, e a Lygia disse – “Não, mas o papel do Museu é comprar obras dos artistas. Não é pedir doação dos artistas.” E ela doa “A caixa de baratas”, você imagina.

00:21:02:06

LYGIA PAPE

Eu não conseguiria viver trabalhando só numa coisa, porque eu acho que você trabalhando em várias atividades, uma alimenta a outra. Você fica com uma perspectiva pra ver se você está com dificuldade de um lado, você vai trabalhar com uma outra coisa, e essa coisa então alimenta o projeto anterior.

00:21:23:26

DENISE MATTAR - Crítica e curadora de arte

A Lygia era uma artista muito prolixa, ela produzia muito. E ela tinha uns “insights”. Ela me contava isso, que tinha obras que as vezes ela ficava muito tempo pensando sobre elas, elaborava longamente. E outras que saíam assim. E ela contou várias versões de como ela pensou na “Ttéias”. A que ela contou pra mim foi o seguinte: que quando ela passeava com o Helio Oiticica nessas viagens, nesses passeios noturnos que eles faziam, sempre chamava atenção dela os fios de eletricidade, aqueles fios com a luz batendo. E que ela se lembrava muito bem de um dia ter visto um grupo de fios com a luz da Lua batendo. Que aquilo ficou na cabeça dela e que anos depois ela fez a “Ttéias”, que também, se a gente for pensar, se fecha muito com os “Tecelares”. A “Ttéias” é uma coisa muito simples, é uma instalação feita de fios de metal dispostos paralelamente. São grupos de paralelas dispostos, e iluminados de modo que você tenha essa sensação do reflexo batendo no fio. Ela fez já em variadas dimensões de acordo com o espaço. E o resultado plástico, você pode passear por entre eles, é realmente impactante.

00:23:36:13

FERNANDO COCCHIARALE – Crítico e curador de arte

“Ttéias” são deslumbrantes! E o quê que as “Ttéias” tem, incrível, numa certa medida eu consigo ver nas “Ttéias” uma espécie de construção que me lembra os “Tecelares”. Tem as diagonais, tem os veios. A “Ttéias” não existiria se não existisse o resto da obra da Pape. Aquilo é um “racking” que ela fez, provavelmente já sabia que não estava bem e tudo isso, um “racking” que ela fez sobre a obra dela. Aquilo ali é, enfim, é o “gran finale” da vida produtiva dela. Eu acho a obra emocionante. Que a transparência que ela nos permite, o através do olhar, o olhar que atravessa aquilo, numa certa medida ele atualiza uma relação corpo e arte, mas de um ponto de vista que ao mesmo tempo nos remete a velha e fundamental totalidade da contemplação humana.

CRÉDITO FINAIS